


Adriano Zerbielli

# O CLUBE DA MORTE



editora  metamorfose

 Editora Polifonia

Adriano Zerbielli

# O CLUBE DA MORTE



Editora Polifonia



metamorfose

Porto Alegre, 2019

Texto de acordo com a Nova Ortografia

**Edição**

Débora Porto

**Revisão Linguística**

Débora Porto e William Moreno Boenavides

**Capa**

Débora Porto e Évelyn Rocha de Araujo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Z58c

Zerbielli, Adriano

O clube da morte / Adriano Zerbielli.

- Porto Alegre: Polifonia ; Metamorfose, 2019.

160 p. ; 14X21cm. - ISBN: 978-65-81231-00-2

1. Literatura Brasileira 2. Literatura Gaúcha  
3. Romance I. Título.

CDD B869.3

Bibliotecária Alexandra Naymayer Corso - CRB10/1099

Todos os direitos desta edição reservados ao autor

**[www.adrianozerbielli.com.br](http://www.adrianozerbielli.com.br)**

## PRIMEIRA REFLEXÃO

A maioria de nós, em meio à correria do dia a dia, possui uma forte tendência de não ocupar a cabeça com assuntos delicados, complexos ou chatos, quando julgamos poder fazer isso mais adiante.

Mas uma coisa é certa! Quando não der mais para esperar, protelar, empurrar com a barriga, faremos o que tiver que ser feito e enfrentaremos o nosso problema. Tomaremos uma atitude para eliminar de nossa mente lembranças que nos fazem dar um profundo suspiro.

E, com relação à morte, quantos de nós saberiam o que fazer caso ela batesse agora na nossa porta? Para onde correr? Para quem perguntar? Onde se esconder? Para quem pedir ajuda?

Tudo o que envolve a morte exerce sobre todos nós um grande fascínio, e o aspecto que mais me chama a atenção é o posicionamento que cada um pode ter quanto à forma como gostaria que se desse o seu inevitável encontro com ela.

Digo isso por ter presenciado, ao longo de minha vida, momentos em que certas pessoas, por vezes inspiradas por alguma fatalidade ocorrida com alguém, ou pela perplexidade resultante de uma grande tragédia, comentaram de forma pouco preocupada e, por vezes, até descontraída, como gostariam que se desse o seu fim.

Então pude concluir que a maioria das pessoas acha melhor que a sua morte ocorra de forma repentina, pois não gostam, nem um pouco, da ideia de saberem quando

ela irá chegar. Preferem a surpresa. Não aceitam bem a possibilidade do surgimento de sentimentalismos e de melancolia que o conhecimento do dia e da hora de sua partida poderia causar.

Já um grupo menor de pessoas gostaria de saber quando irá morrer para que antes possa cuidar de tudo: dizer adeus aos entes queridos, poder se desculpar pelas falhas e pelos erros cometidos, pedir para que a vizinha cuide com carinho do gato e do cachorro, sentir pela última vez sensações, sabores e aromas que não sabiam se iriam conseguir sentir em um outro lugar. Se é que este outro lugar existe.

Mas, analisando os relatos de todas essas pessoas, algo me chamou muito a atenção: o quanto é fácil pensar e falar sobre a própria morte quando se está bem, entre aqueles que gostam de nós e, principalmente, quando se pensa que o encontro com ela ainda irá demorar para acontecer.

A verdade é que, mais cedo ou mais tarde, de um modo ou de outro, a morte é inevitável para todos. O grande problema é que toda essa calma e serenidade, em tratar sobre a própria morte, desaparecem completamente quando percebemos que ela já está se aproximando de nós.

*Porto Alegre, outono de 2014.*

# O CLUBE DA MORTE



## SURGIMENTO

Meu nome é Augusto Flávio da Cunha Andrade e desde já gostaria de pedir desculpas pela minha pouca habilidade no trato com as palavras. Acredito que hoje, mesmo que eu tivesse a intenção de me aprofundar no universo da literatura, não teria tempo e condições para isso. Então escrevo este breve relato para contar as trajetórias de vida, e também as de morte, de um grupo de amigos formado por Fernando, Eliza, Pedro, Mariano e eu.

Todos nós fizemos parte de um tipo de organização – se é que seria possível chamá-la assim – que teve um papel marcante em nossas vidas, ora sendo a solução para os problemas de uns, ora causando dor de cabeça em outros. Mas acho que antes de explicar o seu funcionamento, e o que aconteceu a cada um de seus membros, seja melhor iniciar contando como ela surgiu.

Em 1984 vivia-se uma época no Brasil marcada por tensões na esfera política que culminaria, no ano seguinte, com o fim do Regime Militar e com a redemocratização do país. Passamos nossa juventude na cidade de Porto Alegre. Fernando estudou Direito na UFRGS, mesma instituição em que Mariano fez Medicina. Eliza graduou-se em Letras na PUCRS. Já Pedro não estudou em nenhuma universidade, mas desde cedo mostrou grande interesse e envolvimento com as artes em geral, especialmente com a música e com a fotografia.

Todos nós éramos muito próximos e tínhamos o costume de fazermos alguns programas juntos – menos com relação

ao futebol, pois Pedro e Mariano tinham preferência pelas cores azul, preto e branco. Em julho daquele ano, resolvemos passar um final de semana na casa de um casal de tios de Eliza que, tendo sido convidados para o casamento de um familiar, viajariam para uma cidade localizada no oeste do estado de Santa Catarina. Nós iríamos para Flores da Cunha, na Serra Gaúcha.

Era inverno, e viajamos no fusca que pertencia ao pai de Mariano. Saímos no sábado pela manhã bem cedo, porque precisávamos chegar ao nosso destino antes do meio-dia. É que os familiares de nossa amiga iriam pegar a estrada logo no começo da tarde, pois precisavam chegar antes do anoitecer para poderem ajudar nos últimos preparativos para o casamento, que seria no domingo pela manhã. Fizemos uma viagem demorada, mas tranquila.

Ingressamos na cidade e não foi difícil encontrarmos a casa em que moravam Seu Germano e Dona Maria, tios de nossa amiga. O lugar tinha características que o tornavam praticamente inconfundível: uma casa com um porão feito de grandes pedras, construída no alto de uma pequena elevação do relevo, cercada por um gramado extenso e próxima a três pinheiros de araucária e a algumas outras árvores.

Ao chegarmos, fomos recebidos de forma calorosa pelos tios de Eliza, que já estavam com o almoço pronto à nossa espera. Ainda consigo me lembrar do aroma que pairava no ar daquele arroz com galinha caipira, do gosto das verduras frescas colhidas na horta pela manhã, e do sabor suave daquele vinho encorpado, feito de forma artesanal por típicos imigrantes de origem italiana. O calor do fogão à lenha, que se espalhava pela cozinha, contribuía para deixar o ambiente ainda mais aconchegante.

Logo depois do almoço, os familiares de nossa amiga nos passaram algumas orientações com relação à casa e partiram. No meio da tarde, resolvemos dar uma volta pela cidade. Paramos numa cantina italiana e compramos alguns alimentos para aquela noite e também para o café da manhã do dia seguinte, pois não queríamos abusar ainda mais da hospitalidade dos tios de Eliza. Com relação ao almoço de domingo, combinamos comer num restaurante.

Ao voltarmos para casa, pegamos no porão a lenha para alimentar o fogo que acenderíamos na lareira da sala. Este cômodo não era muito grande, mas decorado com um balcão antigo, utilizado para guardar as louças que eram somente usadas em ocasiões especiais, um tapete entre o sofá e suas respectivas poltronas e alguns velhos quadros de família, nos quais, em certo momento, flagramos Eliza tentando reconhecer algum rosto que lhe fosse familiar.

Para o jantar não houve exageros. Comemos os produtos coloniais que havíamos comprado: pão, biscoitos, salame, queijo, geleia de figo, doce de abóbora e vinho. Depois fomos todos para a sala, onde o fogo da lareira já iluminava e aquecia o ambiente. Obviamente que não esquecemos do vinho!

Pedro havia levado seu violão e tocou para nós algumas canções que despontavam como sucesso na época. Quando encerrou seu repertório musical, desistiu de tentar lembrar-se de mais alguma combinação de acordes e pôs de lado o instrumento. Em seguida, acendeu um cigarro, serviu outra taça de vinho e colocou-se à disposição para entrar na conversa. Tratávamos sobre os mais diversos assuntos, da nossa cidade natal à situação política do país.

Continuávamos a conversar quando ouvimos batidas na porta da cozinha. Fomos até lá ver quem poderia ser e, ao

abri-la, um senhor se apresentou como sendo vizinho da propriedade. Falou que estava ali, a pedido dos donos da casa, somente para saber se nós precisávamos de alguma coisa.

Era mais uma gentileza por parte dos tios de Eliza, temerosos de que os jovens criados na cidade grande pudessem estar passando por algum tipo de dificuldade, em meio a um ambiente mais rústico do que aquele que estavam acostumados. Convidamos nosso visitante a entrar, pois estava frio. Ele, um tanto encabulado, decidiu aceitar o convite para não parecer rude.

Como não iria demorar, pôs sua velha lamparina no chão da área da casa sem apagar a chama, pois ventava muito naquela noite, e teria dificuldade em acendê-la quando fosse embora. Dissemos a ele que estava tudo em ordem e que não nos faltava nada. Colocando-se à nossa disposição para qualquer eventualidade, concluiu que, já que estava tudo certo, iria embora, pois não queria mais nos atrapalhar e a sua esposa o esperava para se deitar.

Antes do vizinho sair, Pedro lembrou-se que havia trazido sua máquina fotográfica e propôs batermos uma foto para registrarmos aquele momento: o de estarmos todos juntos passando um final de semana na Serra Gaúcha. Perguntamos ao nosso visitante se nos faria a gentileza de tirar uma foto nossa. Ele, mesmo nos confidenciando que nunca havia manuseado algo tão sofisticado, respondeu que sim, que poderia tentar.

Voltamos para a sala, com Pedro se dirigindo até o quarto onde estavam suas coisas. Na volta, depois de uma rápida explicação ao nosso “fotógrafo” sobre o funcionamento da máquina, fizemos uma pose com sorrisos nos rostos e com as taças de vinho em punho. Após umas cinco tentativas, quando já estávamos quase desistindo daquela ideia, a tão aguardada foto foi batida.

Logo em seguida, já estando nosso visitante de saída, agradecemos o interesse para conosco. Ele, mais uma vez, colocou-se à disposição para qualquer coisa que viéssemos a precisar, se despediu e foi embora. Ao fecharmos a porta, retornamos para o conforto da sala, para perto da lareira e voltamos a conversar.

Numa certa hora, quando já tratávamos de assuntos bem menos complexos do que aqueles que diziam respeito às instabilidades políticas da época, Mariano fez um desprezioso questionamento com relação a um velho senhor, sempre muito educado, gentil e prestativo, que trabalhava como porteiro no prédio em que morava Fernando, localizado na rua Demétrio Ribeiro, no centro de Porto Alegre.

– Fernando, que fim levou o Seu Nestor? Eu nunca mais o vi, e já faz um bom tempo que percebi que há um outro rapaz na portaria do teu prédio.

Neste momento, todos nós demonstramos interesse em ouvir a resposta para aquela pergunta, pois tínhamos notado a falta daquele cordial e alegre senhor, mas não havíamos lembrado de perguntar a Fernando.

– Vocês não ficaram sabendo? O Seu Nestor morreu.

– Morreeeu? Como assim, Fernando? Que história é essa? – perguntamos surpresos.

– Sim, meus amigos. Infelizmente é verdade. Ele sofreu um acidente, foi atropelado no final do ano passado, logo após o Natal, e acabou não se recuperando. Mas eu pensava que vocês já sabiam do seu falecimento.

– Não, Fernando, a gente não sabia de nada – eu disse, chocado.

– Eu sinto muito por ter que dar a notícia desse jeito.

– Mas nos conte melhor como isso aconteceu, Fernando  
– pediu Eliza passados alguns instantes.

– Bem, o Seu Nestor saía de casa sempre bem cedo, em torno das cinco da manhã pra vir trabalhar e, num certo dia, a caminho do seu ponto de ônibus, um carro em alta velocidade o atingiu quando atravessava uma rua. Ele já era uma pessoa de idade, e acho que não percebeu que o veículo se aproximava. Talvez fosse acostumado a fazer diariamente o mesmo trajeto, naquele horário, sem se preocupar com nada, habituado com a calma da madrugada. O veículo que causou o acidente era dirigido por um rapaz que estava acompanhado de alguns amigos que há pouco haviam saído de uma festa.

Fernando fez uma breve pausa no seu relato enquanto tentávamos assimilar aquela notícia. Em seguida, continuou a nos contar o triste acontecimento:

– Os jovens socorreram Seu Nestor e o levaram pro Pronto Socorro, sendo que no dia seguinte ele foi transferido pra um leito num outro hospital, permanecendo lá internado por uns vinte dias. Quando ficou um pouco melhor, foi levado pra casa, mas logo passou a necessitar de cuidados especiais. Ele já era viúvo e não tinha filhos e, como seus familiares não tinham condições ou intenção de cuidar dele, trataram de interná-lo novamente.

– Não me diga que ele ficou largado no hospital sozinho!

– Pois então, Mariano, ao que tudo indica, sim. Passou seus últimos dias desamparado num leito de hospital. No mês passado minha mãe até chegou a lhe fazer uma visita pra ver como estava. Ela me disse que tinha a expectativa de encontrá-lo bem, se não totalmente recuperado, esperava ao menos deparar-se com ele falando, alegre e bem-humorado como sempre. Mas, quando chegou do hospital, nos contou que havia ficado negativamente surpreendida com a sua situação, pois tinha se deparado com um homem ainda

mais envelhecido, imóvel sobre a cama, e que, somente após muito esforço, conseguiu reconhecê-la.

Naquela altura, era nítida a perplexidade estampada nos rostos de todos nós. Após mais alguns instantes de silêncio, nosso amigo continuou a trazer detalhes daquela triste história:

– Minha mãe também contou que teve a impressão de que ele não estava recebendo o tratamento adequado pra sua recuperação. Falou que isso não parecia ocorrer por falta de empenho e boa vontade dos médicos e enfermeiros, mas sim devido às más condições do hospital que, como sabemos, atravessa sérios problemas financeiros. E isso obviamente se reflete no tratamento de pacientes que necessitam de cuidados específicos e sistemáticos como era o caso de Seu Nestor. Ela disse ainda que, praticamente, ele foi deixado lá pra morrer. Como, de fato, aconteceu há uns quinze dias atrás.

Concluída a fala de Fernando, um clima de grande tristeza tomou conta do ambiente. Todos nós ficamos impactados com o triste desfecho que teve o dilema de Seu Nestor. Ainda mais por não termos ficado sabendo antes o que havia acontecido para, ao menos, ter lhe feito uma visita.

– Que merda! Eu não conhecia bem o Seu Nestor, mas tenho a impressão de que era uma boa pessoa e não merecia acabar desse jeito.

– Não, Pedro, não merecia mesmo, pois da mesma forma que ele era no seu trabalho, era fora dele também: sempre disposto a ajudar quem necessitasse de alguma coisa.

– Como pode alguém, que somente fazia o bem pras pessoas, ter um fim como este? Sem que nenhum familiar ou amigo se comovesse com a sua situação e cuidasse dele?  
– perguntou Mariano, abatido.

– Infelizmente, vivemos em um mundo no qual estamos nos tornando cada vez mais individualistas e materialistas, sempre correndo sabe-se lá para onde e para quê! Poucos são aqueles que abrem mão de sua rotina, de seus compromissos e de seus anseios pessoais para auxiliar o próximo quando este estiver realmente precisando. A verdade é que a maioria das pessoas são movidas por algum tipo de interesse, e, como aquele pobre senhor não tinha nada para oferecer em troca, ninguém o ajudou.

Após o desabafo de Eliza, me desliguei por alguns instantes, enquanto meus amigos seguiam tentando assimilar o que havia acontecido com Seu Nestor. Durante uma breve, mas profunda reflexão, foi inevitável me colocar no lugar daquele homem e imaginar todo o sofrimento que passou. Então, muito sensibilizado, e já sob efeito de algumas taças de vinho, me levantei e fiz um apelo aos meus amigos:

– Por favor, me escutem um instante, pois eu preciso dizer algo muito importante: se algum dia eu estiver passando por uma situação parecida com aquela que passou esse senhor, caso eu não seja abençoado com uma morte rápida e repentina, sendo forçado a passar os meus últimos dias sobre uma cama de hospital, internado em alguma clínica, ou algo parecido, sem chances de me recuperar de algum grave problema de saúde, eu imploro que não me deixem passar por isso, e acabem logo como meu sofrimento. Algum de vocês faça, por favor, alguma coisa pra não me deixar passar por esse castigo. Todos aqui me conhecem bem e sabem quais são meus sonhos e objetivos na vida. Por isso, se ao final da minha estada neste mundo, eu não puder usufruir do restante do meu tempo de uma forma digna, peço a vocês que abreviem minha agonia e acabem

logo com a minha vida. Por favor, meus amigos, façam isso por mim, caso um dia seja necessário.

Eliza e Mariano, perplexos com a minha colocação, em tom de voz elevado, se revezaram em me recriminar por aquilo que eu havia dito, afirmando que eu não deveria pensar numa bobagem como aquela, pois tínhamos uma vida inteira pela frente, e o fim de nenhum de nós seria daquela forma.

– Como vocês podem ter certeza disso? – rebati.

– Sente-se e tente se acalmar, Augusto.

– Estou calmo, Eliza. Eu só não quero terminar igual ao Seu Nestor.

Pedro, que já tinha bebido ainda mais do que eu, com a intenção de quebrar a dramaticidade daquele momento, também se levantou e fez uma colocação de forma irreverente, como era de sua característica:

– Eu concordo com Augusto! Ninguém merece terminar desse jeito! Vamos fazer um pacto: se algum de nós no futuro passar por algo parecido ao que passou o Seu Nestor, os demais terão a responsabilidade, e o deveeeeeer, de abreviar o sofrimento do enfermo como um sinal de profundo respeito, consideração e amizade.

– Eu também estou de acordo! Todos nós somos amigos e sempre auxiliamos uns aos outros a enfrentar os nossos mais diversos problemas. Então por que não nos ajudarmos num momento como este?

– É isso mesmo, Fernando! Já que vamos morrer um dia, que isso se dê pelas mãos de um amigo! – completou Pedro, num tom de deboche.

Mariano, já cansado de toda aquela palhaçada, pediu para que Fernando e Pedro se calassem. Em seguida, de cara fechada, dirigiu-se a mim dizendo que não era para me

preocupar, pois em breve se formaria em medicina e, caso eu viesse a passar por alguma grave enfermidade no futuro, ele mesmo cuidaria de mim.

Disse ainda, já com um leve sorriso no rosto, para pararmos de pensar bobagens, pois ninguém ali iria matar ninguém. Concluiu dizendo que o caso do Seu Nestor era realmente muito triste, mas que não havia motivo para acharmos que algum de nós enfrentaria algo parecido um dia.

Levantando-se, ele encaminhou o encerramento daquele assunto, sugerindo que fôssemos dormir, pois era tarde, a lenha para alimentar o fogo da lareira já tinha terminado, e a fria madrugada se aproximava. Todos nós, com fisionomias bem mais leves em nossas faces, concordamos. Recolhemos as taças e as garrafas de vinho vazias. Pedro pegou seu violão e a máquina fotográfica, nos despedimos uns dos outros e fomos descansar.

Já deitado, demorei para conseguir dormir, pois meus pensamentos corriam de um lado para o outro dentro da minha cabeça. Iam desde o dilema que enfrentou Seu Nestor no final de sua vida, passavam pelo surpreendente pedido que eu havia feito aos meus amigos, e chegavam à maneira descontraída e bem-humorada com que Pedro, Fernando e, de certa forma, até Mariano, lidaram com a situação.

A verdade é que éramos todos muito jovens, sendo realmente muito cedo para qualquer um de nós pensar de que forma seria o desfecho de nossas histórias. Eu, me aproximava dos trinta anos de idade; os demais, há pouco tempo haviam passado dos vinte. Todos nós tínhamos uma vida inteira pela frente. Mas, até aquele momento, eu nunca tinha pensado sobre como poderia se dar o meu fim.

Aconteceu que, enquanto eles conversavam estarecidos sobre o dilema do Seu Nestor, montei rapidamente uma

equação que continha, além do seu sofrimento, a incerteza em futuramente formar uma família que viesse a cuidar de mim quando fosse necessário, e também, reconheço, a insegurança no que dizia respeito à minha capacidade de constituir laços de amizade fortes, verdadeiros e duradouros. Sem contar a possibilidade de ser visto e lembrado por todos estando num estado de fragilidade, ou ainda pior, de total incapacidade e dependência. Todo esse somatório de fatores gerou como solução uma sensação de pavor tão grande, que culminou na realização daquele meu estranho e inusitado pedido.

Após aquele final de semana, voltamos para as nossas respectivas rotinas e tocamos a vida adiante. Eu, Pedro e Eliza nos mantivemos próximos como sempre; já Fernando e Mariano, nem tanto. Mas aquilo que nenhum de nós sabia é que, naquela noite de inverno de julho de 1984, foram fixados os pilares de um tipo de organização que, como já mencionei anteriormente, se faria presente em importantes momentos de nossas vidas.

Então, mesmo sem termos percebido, o *Clube da Morte* havia sido informalmente criado e, para o meu tormento, não apenas a sua principal norma não seria esquecida como, um dia, me seria solicitado que fosse colocada em prática.

Será que temos o direito de decidir quando vamos morrer? Existe alguma justificativa para que alguém defina quando isso deva acontecer? Uns, sob certas circunstâncias, dirão que sim. Já outros defenderão a vida humana, mesmo que muito fragilizada, a qualquer preço.

Em uma noite de inverno, Fernando conta a seus amigos que um senhor que conheciam havia falecido, sozinho e debilitado, em um leito de hospital. Tomado pela emoção, Augusto pede aos demais que interrompam o seu sofrimento, lhe tirando a vida, caso um dia seja necessário. Tal ideia, na ocasião, não foi levada a sério.

No entanto, sem terem percebido, criaram o Clube da Morte. Então, alguns anos depois, um novo encontro é marcado para ser pedido que a principal norma daquela organização fosse colocada em prática: proporcionar um final de vida digno a cada um de seus membros.

[www.adrianozerbielli.com.br](http://www.adrianozerbielli.com.br)